

# Pais dormem na fila para conseguir vagas em escola

Fredson Charlson  
-Da equipe do Correio

André Correa

Mais de 700 pessoas passaram a noite de terça-feira e o dia de ontem em uma fila, em frente ao Colégio Estadual de Valparaíso, o *redondo*, no centro da cidade, tentando matricular os filhos em uma das 953 vagas oferecidas.

Cada pai pretendia matricular entre dois e três alunos. E valia qualquer sacrifício para que os filhos não perdessem o ano letivo.

Na fila, que dava voltas no quarteirão, havia gestantes, senhoras idosas, mães carregando recém-nascidos, pais revoltados e até alguns vendendo vagas.

Moradores de loteamentos como Céu Azul, Cruzeiro do Sul, Cidade Jardim, Jardim Ipê e Jardim Ingá, entre outros, disputavam vagas no *redondo* com estudantes do Gama e até mesmo outros vindos de Uberlândia (MG).

**Alívio** — Ivonete Correa foi a 45ª pessoa a chegar na fila, às 3h30 de ontem. “Só saí realizada quando matriculei meus quatro filhos adolescentes. Tentei colocá-los em Brasília e no Gama, mas não consegui”, contou aliviada.

Um dos mais revoltados com a espera era Ildo Gonçalves Chaves, 25 anos, padrasto de Michele Botelho Gomes, 14, na fila desde às 2h.

“No Distrito Federal, a situação é pior. Minha filha disputou 50 vagas com 800 candidatos. Não levaram em consideração o currículo escolar dela”, reclamou.

Mãe de um filho, Maria Rosa de Lima Oliveira chegou ao colégio às 4h. Até às 14h, não tinha conseguido a matrícula. Moradora do Parque Santa Rita, ela permaneceu de pé na fila. “Rezei pela vaga. Deus é pai e vai me ajudar”.

**Fofoca** — Fila não serve apenas para choro e velas. Bate-papo, dominó, baralho e leitura também fazem parte da espera.

“Aproveitei para colocar as fofocas em dia. Falei mal de todo mundo, mas fiz várias amizades”, afirmou a moradora do Cruzeiro do Sul, Margarida Maria de Souza, 40 anos. Margarida chegou ao colégio às 4h e matriculou dois filhos.

Maria Aldacir Santos, 40 anos, chegou às 8h30 de Uberlândia e, às 9h, já engrossava a fila. “Mudei para o Ipê e quero meus três filhos na escola. Se precisar, fico aqui três dias”, garantiu.

Tempo é o que ela e todos os outros moradores mais têm. Vale qualquer sacrifício para dar educação aos filhos.



O bom nível de ensino no Colégio de Valparaíso atrai pais de alunos de toda a região do Entorno em busca de vagas

## CRITÉRIO

### Alunos antigos têm prioridade

O início das aulas no Colégio Estadual de Valparaíso está previsto para o dia 5 de fevereiro. O colégio possui vagas insuficientes para atender aos dois mil alunos que buscam um lugar no *redondo*.

A diretora do colégio, Elba Azevedo Varão Moreira, 52 anos, compreende o drama dos moradores, mas afirma que eles são os principais culpados existência das longas filas.

“As famílias da região elegeram o *redondo* como o colégio preferido. Quanto a isso, elas têm razão. O nível dos professores é melhor, temos mais estrutura e além de tudo, ficamos no centro de Valparaíso”.

**Renovação** — A preferência para ocupar as vagas é dada aos alunos do próprio *redondo* que ainda não renovaram a matrícula.

Depois, elas são liberadas para moradores de Valparaíso e loteamentos vizinhos.

Por último, são matriculados estudantes do Distrito Federal e de Luziânia.

“Mais de 20 pessoas entre secretários, professores e agentes de limpeza deram o máximo de si para agilizar o processo, mas a situação é difícil”, lastima a diretora.

Ela aconselha as pessoas a procurarem outros colégios públicos de Valparaíso, como o Colégio Estadual Almirante Tamandaré e o Colégio Estadual Castro Alves. “Eles têm vagas de 5ª a 8ª série e estão sem filas”, diz.

**Comércio** — A diretora do Castro Alves, Maria Lourenço de Melo, 52 anos, confirma a informação. “Aqui está tudo cal-

mo. Temos vagas também para o supletivo de 1º e 2º graus”, diz.

A moradora do Jardim Oriente, Jandira Farias Ribeiro, 34 anos, confirma. “Meu filho é pequeno e é bom ele estudar numa escola perto de casa”, diz.

Alheios ao drama das pessoas que estão na fila, os vendedores ambulantes aproveitam para faturar.

“Estou gostando da fila. Vai dar para fazer dinheiro”, sorri de satisfação o vendedor de sucos de laranja, Jackson Francisco Mendes, 14 anos.

Ao seu lado, Emerson Oliveira Silva, 23 anos, vendedor de picolés e sorvete, comemorava. “Se não fosse a fila eu ia voltar para casa com prejuízo. Nem preciso andar. Fico parado e as pessoas aparecem com o dinheiro na mão”, diz.